

# Lutengo

## Lutengo

### The tall furnace *Lutengo*

#### Iron smelting operation and ritual of the Tshokwe of the Northern Lunda

I thought it would be of interest to compare the details of the iron smelting process in two Tshokwe villages separated by 500 km. Even though Dr. José Redinha, who dedicated his life to the study of the peoples of the Lunda, described with precision the whole iron smelting operation and the rituals which accompany it, (among the Tshokwe of the village Tchungo-Ungo, located in the south of the country, near the source of the Luachimo) – I think it was worth establishing a parallel with the observations I made in the Dundo region<sup>1</sup>.

On the whole, the two processes observed in the south by Dr. Redinha, and afterwards, ten years later by myself, in the north, have much in common, but the differences in details and the variants in the ritual warrant being pointed out.

The similarities in the type of furnace constructed, the smelting operation itself, as well as the accompanying ritual, are witness to the fundamental unity of the Tshokwe culture, even though the slight ecological transformation from south to north have led to modifications in certain habits of the Tshokwe population.

<sup>34</sup> The tall furnace, *lutengo*, is in the shape of a woman in childbirth. To activate the fire in its interior, the master smelter or *mukwa lutengo*, grinds the wood carbon *manungu* through the top, with the help of a long rod. The great respect in which the profession of master smelter is held allows him to wear a brass bracelet, "*lukano*".

### O alto forno *Lutengo*

#### Operação da fundição do ferro e ritual nos tshokwe do norte da Lunda

Pareceu-me interessante comparar os detalhes da fundição do ferro em duas aldeias Tshokwe que distam uma da outra 500 km. É por isso que, ainda que o Dr. José Redinha, que dedicou toda a sua vida ao estudo dos povos da Lunda, tenha descrito com precisão toda a operação siderúrgica e os rituais que a acompanham, nos Tshokwe da aldeia Tchungo-Ungo, situada no sul do país, perto da nascente da Luachimo – valerá a pena fazer um paralelo com as observações que fiz na região do Dundo<sup>1</sup>.

No conjunto, os dois processos observados no Sul pelo Dr. Redinha, e, dez anos mais tarde, por mim, no Norte, concordam em muita coisa, mas as diferenças de pormenor e as variantes do ritual merecem ser particularizadas.

As semelhanças verificadas no tipo de forno erigido, na operação de fundição propriamente dita, bem como no seu acompanhamento ritual, testemunham a unidade fundamental da cultura Tshokwe, se bem que a ligeira transformação ecológica do sul ao norte tenha levado a uma modificação de certos hábitos da população Tshokwe.

<sup>34</sup> O alto forno *lutengo* tem o aspecto de uma parturiente. Para activar o fogo no seu interior, o mestre fundidor ou *mukwa lutengo*, tritura o carvão de madeira *manungu* do cume, com a ajuda de uma longa vareta. A grande consideração em que é tida a profissão de mestre fundidor permite-lhe usar uma pulseira "*lukano*" em latão.

O alto forno é chamado *lutengo* pelos Tshokwe. O minério de ferro é tratado aí com carvão de madeira cuja combustão é activada por uma forja segundo o método das «forjas catalãs» que termina com a obtenção de ferro, depois de uma jornada de trabalho siderúrgico, sem o menor abrandamento nem paragem. Com efeito, os ajudantes do mestre da fundição revezam-se no accionamento contínuo dos dois foles duplos em tambor, levantando cada um, num ritmo alternado, a vareta fixa no cimo das peles que fecham os dois compartimentos de cada instrumento.

O fogo pode atingir a temperatura de aproximadamente 1500°C no *lutengo*, o que dá na altura da abertura do alto forno, ao cair da noite, uma lupa de ferro incandescente de boa qualidade<sup>2</sup>, pronta a ser utilizada em seguida na forja, após uma potente e paciente martelagem para expulsar a escória.

N. de Kun (1960) relata que Magyar observou no decurso da sua viagem no distrito da Lunda, entre 1850-1852, que a qualidade do ferro tshokwe é, segundo ele, tão boa como a do sueco.

### **O *lutengo* de Musoku**

A fundição do ferro observada pratica-se perto da aldeia Musoku, a uma vintena de quilómetros ao sul do Dundo e a 2 km da estrada para Saurimo.

O cercado, *hanze*, onde dominava o alto forno, parecia ter sido escolhido especialmente pelo seu ligeiro declive, segundo uma orientação de oeste para leste. De forma aproximadamente quadrada, o espaço desbravado situava-se no meio de um bosque com boa luminosidade. O alto forno foi construído na direcção oeste-leste, sobre o eixo do terreno em declive utilizado, para facilitar a sua construção e orientá-lo correctamente: a abertura do *lutengo*, com a sua porta que será aberta após a operação e de onde sairá o ferro, foi dirigida para o ponto cardeal do nascer do sol (homólogo do ferro) e, ao mesmo tempo, em direcção à parte mais baixa do terreno.

O *lutengo* não ocupa o centro. Foi construído no meio da parte mais alta de um suave declive, a alguns metros de uma grande árvore sob a qual os ajudantes do fundidor podem encontrar sombra constante.

Este *lutengo* tinha uma altura total aproximada de 1,75m. Era troncónico e o seu aspecto exterior era o de uma parturiente cujo corpo agachado virava as costas ao

The Tshokwe call the furnace *lutengo*. The iron ore was treated there with charcoal whose combustion was activated by a forge according to the method of the «Catalan forges», from which iron was obtained, after the furnace has been working for a whole day, without the slightest slowing down or stopping. Effectively, the master smelter's assistants take turns to operate the double-drum bellows, which were raised alternately by a pair of rods attached to the animal skins that close the two compartments of each instrument.

The fire in the *lutengo* could reach temperatures of approximately 1500°C, resulting in a good-quality bloom<sup>2</sup> when the furnace was opened at sunset. The bloom was then ready to be worked in the forge, after it was patiently hammered to rid it of slag.

N. de Kun (1960:6) reports that Magyar, during his journey in the Lunda district, between 1850-1852, observed that the quality of the Tshokwe iron was, according to him, as good as Swedish iron.

### **The *lutengo* of Musoku**

The iron smelting process observed was practised near the village of Musoku, some twenty kilometres south of the Dundo and 2 km from the road to Saurimo.

The enclosure, *hanze*, dominated by the tall furnace, seemed to have been specially chosen because of its slight west-east slope. Approximately square in shape, the cleared area was located in a forest with good lighting. The furnace was constructed in a west-east direction, on the slope's axis, to aid in its construction and ensure it faced the right direction: the *lutengo*'s opening, with a door that was opened after the operation and through which the iron was removed, faces the cardinal point of the sunrise (sun = homologous to iron) and, at the same time, points toward the lowest part of the site.

The *lutengo* did not occupy the centre. It was constructed in the middle of the highest part of a slight slope, some meters away from a large tree under which the smelter's assistants found constant shade.

This *lutengo* had a total height of approximately 1,75m. It was cylindrical in shape and had the appearance of a woman in childbirth, whose hunched body faced west<sup>3</sup>. The tub or body, *mujimba*, of anthropomorphic appearance, was moulded in clay from mushroom-shaped termite mounds, *cifika* (*Cubitermes*)<sup>4</sup>. The front of the fur-

nace was decorated with breasts (*mele*) and a small female sex organ, *sundji*, open and modelled in a triangle with small lips and clitoris<sup>5</sup>. The *sundji* had linear, horizontal tattoos, *mikonda*, above it, which were fertility charms with an erotic function. These tattoos are drawn on the pubis of all Tshokwe women once they reach puberty, before they marry.

The feeding head, *cituwa ca kungiliya*, through which the ore, *lumbwe*, and the wood carbon, *manangu*, are introduced into the furnace, was prolonged by a cylindrical canal which ends at a right angle to the crucible<sup>6</sup>, situated at a level lower to the small transversal opening that connects with the forge, *yifika ya kutumbika miyanze*, where the double extremity of the bellows (*miyanze*, sing. *mwanze*) was introduced. This opening behind the furnace was also called *kela* or nozzle.

The crucible's cavity was tightly closed up on the front by a door, *cajiyo*, a thick piece of termite mound *cifika* carved in a complete arch<sup>7</sup>.

In front of the feeding head, there was a platform, *lupanga*, which was raised by a false support (which acted more or less as a hopper), made in wood, covered with the same mixed clay as the tub and was supported by two inclined pillars, *mangunji*, firmly driven into the ground, on each side of a deep groove, *mayila*, which was linked to the crucible door and in which the master smelter would roll the bloom, after opening the door when the smelting work was done. The master smelter Mosuku called the thick, inclined pillars *molu* (legs) and, to him, they represented the bent legs of the woman in childbirth. Other informants called them *moko*, arms, as did José Redinha's informants, in 1946, certainly due to the fact that they started on the inclined plane, *lupanga*, at the top of the female torso like shoulders<sup>8</sup>.

The level, exterior surface of the *lutengo* was decorated with designs painted in ritual clays, the white *pemba*, and the red *mukundu*. The motifs that the smelter's main assistant had represented were, to the left, *maswi a yisakala*, canary cage nets and, to the right, *tangwa*, suns: these were drawn in the ritual form of juxtaposed lozenges in a frieze. The *lutengo* was also surrounded by a thick waistband, *muya*, of plaited grass, absent from the tall furnaces which José Redinha described. We will talk of this *muya wa lutengo* in its ritual context, further ahead.

ocidente<sup>3</sup>. A cuba ou corpo, *mujimba*, de aspecto antropomórfico, era modelada em argila proveniente de termiteiras em forma de cogumelo *cifika* (Cubitermes)<sup>4</sup>. A frente do forno era ornamentada de seios (*mele*) e de um pequeno sexo feminino, *sundji*, aberto, modelado em triângulo com indicação dos pequenos lábios e do clitóris<sup>5</sup>. O *sundji* tinha por cima tatuagens lineares horizontais, *mikonda*, com uma função erótica e ao mesmo tempo de atracção de fecundidade, desenhadas sobre o púbis de todas as mulheres Tshokwe na época da puberdade, antes do casamento.

A boca de carga, *cituwa ca kungiliya*, por onde se carrega o alto forno de minério, *lumbwe*, e de carvão de madeira, *manangu*, prolonga-se verticalmente por um canal cilíndrico que acaba em ângulo recto no crisol<sup>6</sup>, situado num nível inferior à pequena abertura transversal que comunica com a forja, *yifika ya kutumbika miyanze*, onde se vêm inserir a dupla extremidade dos dois foles (*miyanze*, sing. *mwanze*). Esta abertura atrás do forno era também chamada *kela* ou agulheta.

A cavidade do crisol é bem fechada pela frente por uma porta, *cajiyo*, um pedaço espesso de termiteira *cifika* talhado em arco de círculo<sup>7</sup>.

Na frente da boca de carga encontra-se uma construção em plataforma, *lupanga*, elevando-se em suporte em falso (fazendo mais ou menos a função de tremonha), construída em madeira, recoberta da mesma argila mista que a cuba e suportada por dois pilares, *mangunji*, inclinados, firmemente colocados no solo, de cada lado de uma calha profunda, *mayila*, que faz ligação com a porta do crisol e na qual o mestre fundidor fará rolar a lupa de ferro, abrindo esta porta após o trabalho de fundição. Os grossos pilares inclinados são chamados *molu* (pernas), pelo mestre fundidor de Mosuku, e, na sua mente, eles representam as pernas dobradas da parturiente. Outros dos meus informadores denominaram-nos de *moko*, braços, como também os de José Redinha, em 1946, sem dúvida devido ao facto deles começarem no plano inclinado *lupanga* sobrepondo-se ao torso feminino como se fossem ombros<sup>8</sup>.

A superfície exterior do *lutengo*, bem nivelada, está decorada de desenhos pintados, com as argilas rituais, branca, *pemba*, e vermelha, *mukundu*. Os motivos que o ajudante principal do fundidor tinha representado eram, à esquerda, *maswi a yisakala*, rede de gaiolas de canários e, à direita, *tangwa*, sóis: estes desenhados sob a forma ritual de losângulos justapostos em friso. O *lutengo* é, para além disso, rodeado de uma grossa trança de ervas, a cintura, *muya*, ausente nos altos fornos de que falou

José Redinha. Será abordado mais adiante esta *muya wa lutengo* no seu contexto ritual.

### A operação e o ritual de fundição

Quando cheguei, em Setembro de 1956, avistei o cercado *hanze lya lutengo*, acompanhada do chefe da aldeia, Mwafima, e dos meus informadores do Museu do Dundo, no início de uma bela tarde de fim de estação seca. O mestre fundidor Nzulu recebeu-nos amavelmente. A entrada rectangular estava protegida pelo pórtico *masasa lya lutengo*, no centro do qual pendiam dois anéis de palha entrelaçados, os *kata*, que afugentam, ao balançarem-se, os maus espíritos do local que se tornou sagrado. Cada um de nós foi purificado na soleira da entrada. Para este feito, atrás da parte ascendente esquerda, encontrava-se uma cabaça *cizau*, cheia de água e de remédio *yitumbo*, composto por fragmentos de folhas ou casca de *muhuhu*<sup>9</sup>, *mulamata*<sup>10</sup>, *muhonga*<sup>11</sup>, e de argila branca sagrada, *pemba*. Em cima de um pequeno fragmento de madeira plana, perto do recipiente, havia outro remédio, denominado *cikose*<sup>12</sup>, fibras enroladas num pequeno bujão.

É com a ajuda deste pequeno bujão, mergulhado previamente nos remédios da cabaça, que um ajudante do fundidor esfrega o antebraço direito dos visitantes, quando estes desejam entrar no cercado, para os exorcizar de todas as influências nefastas ao bom resultado da fundição. O ritual visa a purificação dos homens que tiveram relações sexuais no dia anterior. Uma mulher tshokwe nunca é, por tradição, recebida na *hanze lya lutengo*. A minha presença tolerada constituiu uma exceção<sup>13</sup>.

Ao entrar no cercado *hanze*, descobri o *lutengo* quando a acção siderúrgica já tinha começado. Tinha sido preparado na véspera, sem que eu pudesse, infelizmente, ter assistido<sup>14</sup>.

O *lutengo*, decorado recentemente com pinturas coloridas, elevava-se imponente, abrigado sob um telhado de palha, com duas vertentes, o *cisambwe*: oito pilares *mangunji*, quatro travessas *mikambwe* e doze elementos de madeira *masoka* montados em viga, constituem a sua estrutura. No cimo do telhado, por cima do alto forno, estava dependurado, já antes da minha chegada, o *ciffi*, outro remédio propício ao bom resultado da operação siderúrgica, composto pela cabeça de um galo *kasumbi*, à qual se juntam folhas de *muhonga*<sup>15</sup>. No eixo do *lutengo*, alguns metros abaixo do local onde acaba a calha *mayila*, que começa na porta do alto forno, encontra-se a representação simbólica dos dois espíritos tutelares da fundição, os *mahamba Sambanza* e *Nambanza*, representados, o primeiro à esquerda e o segundo à direita,

### The smelting operation and ritual

In September of 1956, when I arrived, I saw the *hanze lya lutengo* enclosure, accompanied by the village chief, Mwafima, and by my informants of the Museu do Dundo, at the beginning of a fine afternoon at the end of the dry season. The master smelter Nzulu received us cordially. The rectangular entrance was protected by a portico *masasa lya lutengo*, in the centre of which hung two rings of plaited grass, the *kata*, which, with their swinging movement, keep the evil spirits away from the site that has become sacred. Each of us was purified on the threshold of the entrance. For this purpose, behind the rising left side, there was a *cizau* calabash, full of water and *yitumbo* medicine, composed of fragments of *muhuhu*<sup>9</sup>, *mulamata*<sup>10</sup>, *muhonga*<sup>11</sup> leaves or bark, and the sacred white clay, *pemba*. On top of a small fragment of flat wood, near the calabash, there was another medicine, called *cikose*<sup>12</sup>, composed of fibres rolled into a small dowel.

It was with the help of this small dowel, previously dipped in the medicines of the calabash, that the smelter's assistant rubbed the visitors' right forearm, when the latter wished to enter the enclosure, so as to exorcise them of all influences which could be prejudicial to the smelting process. The ritual was aimed at purifying the men who had had sexual relations on the day before. A Tshokwe woman was never, by tradition, received in the *hanze lya lutengo*. The fact that my presence was tolerated was an exception<sup>13</sup>.

Upon entering the *hanze* enclosure, I discovered the *lutengo* when the smelting had already been started. It had been prepared on the day before, when unfortunately I could not be present<sup>14</sup>.

The *lutengo*, recently decorated with coloured paints, stood out, sheltered under a grass roof, with two sides, the *cisambwe*: it was made up of eight *mangunji* pillars, four *mikambwe* beams and twelve *masoka* wood elements mounted on beams. At the top of the roof, over the tall furnace, hung the *ciffi* (put there before my arrival) another medicine propitious to the good result of the smelting operation, composed of a cock's head *kasumbi*, mixed with *muhonga* leaves<sup>15</sup>. On the axis of the *lutengo*, some metres below the place where the *mayila* groove ended, which started at the furnace's door, there was a symbolic representation of the two tutelary spirits of the smelt: *mahamba Sambanza* was on the left, and *Nambanza* on the right, in the form of two crescent-shaped hummocks open to the west and decorated with the feathers of a cock sacrificed in their honour. They had both received, as a food offering, a little bit of cock's blood and a cassava cake placed between the points of the lunar crescent.



35 The combustion of the charcoal, *manungu* - which can reach temperatures of 1500° - is activated by bellows which are never interrupted. The master smelter's assistants (who, at this time, work the bellows alternately) activate the double-drum bellows, each raised in an alternate rhythm by a rod tied to the animal skins of which the bellows are made.

There are coloured designs on the body of the furnace, drawn at the time of its construction, after the site has been previously purified. The incandescent bloom will only "be delivered" at the end of the day, after intense and uninterrupted work.

35 A combustão do carvão de madeira *manungu* - que pode atingir os 1500° - é activada por foles que não sofrem nenhuma interrupção. Os ajudantes do mestre fundidor (que nessa altura se revezam) accionam os dois foles duplos em tambor, cada um deles elevado num ritmo alternado pela vareta, fixa no cume da pele. O corpo do forno tem desenhos coloridos realizados na altura da sua construção, depois do local ter sido primeiramente purificado. A lupa de ferro incandescente só "nascerá" no final do dia, depois de um trabalho intenso e sem intervalos.

sob a forma de dois montículos em meia-lua abertos para oeste e ornamentados com plumas de galos sacrificado em sua honra. Cada um dos dois tinha recebido, como oferenda de alimento, um pouco de sangue do galos e uma bolinha de mandioca depostos entre as pontas do crescente lunar.

*Nambanza*, de origem lunda, foi, segundo os Tshokwe, a primeira mulher que fez a extração do ferro. O seu marido *Sambanza*, tendo aprendido com ela este ofício, para continuar após a sua morte a arte da fundição, colocou a cintura *muya* da sua mulher à volta do *lutengo*, como feitiço propício ao bom resultado da operação. Uma cinta de ervas de *kaswamo*<sup>16</sup>, com poderes medicinais mágicos, encontra-se sobre o alto forno em Musoku, em lembrança do espírito benéfico (*hamba*) *Nambanza*<sup>17</sup>.

O mestre fundidor, que tinha espalhado um pouco de sangue de galos no alto da boca de carga, explicou-me sucintamente a maneira de acender o fogo do *lutengo*: *jitangu kwoca tete ja mwehe ja kahia kwanda kulonga mu lutengo hi kwanda manungu kusamo kwanda lumbwe kusa helu ku muwika nyi manungu*: «em primeiro lugar lança-se fogo aos ramos de *mwehe* (*Hymenocardia acida Tul.*) que enchem a cuba; quando o fogo está bem pego do lança-se carvão de madeira *manungu*». Este último, para a fundição realizada em Musoku, era fabricado com madeira *mukoso* da árvore com o mesmo nome<sup>18</sup>. Por cima deste carvão de madeira é espalhado minério *lumbwe*, do qual existem duas variedades, uma rica e negra, outra vermelha, de qualidade inferior<sup>19</sup>.

Sobre o plano inclinado *lupanza* (que comparei à tremronha), encontrava-se o minério *lumbwe*, do qual uma parte estava amontoada numa pilha à direita do alto forno. Do outro lado, encontrava-se a provisão de carvão de madeira *manungu*. Estas duas matérias, serão sabiamente adicionadas, em camadas sucessivas, uma por cima da outra, no decurso da jornada necessária para a produção da lupa de ferro. De tempos a tempos, o mestre fundidor que regula com precisão a quantidade necessária de minério a juntar ao carvão de madeira, espalha por cima da boca de carga argila branca sagrada, *pemba*, com um intuito de purificação e para assegurar o bom resultado do seu trabalho.

Chegada a noite, quando o mestre fundidor acha que a lupa já se formou, após o esgotamento da reserva do minério, a *kela*, ou agulheta por onde comunicam os foles, incansavelmente accionados, é tapada com argila amassada com água. É chegado o momento de abrir a porta do *lutengo*. O mestre fundidor e um ajudante retiram-lhe o “lacre” e fazem-na rodar com dois pilares de madeira. Do interior é retirada a lupa de ferro incandescente que os fundidores fazem rolar na calha *mayila*.

According to the Tshokwe, *Nambanza*, of Lunda origin, was the first woman to practice the art of smelting. Her husband, *Sambanza*, having learnt this task with her and, so as to continue the art of smelting after her death, placed her waistband *muya* around the *lutengo*, in order to ensure the successful result of the smelt. A band of *kaswamo* grass<sup>16</sup>, with magical medicinal powers, was found over the tall furnace in Musoku, in memory of the beneficial spirit (*hamba*) *Nambanza*<sup>17</sup>.

The master smelter, who had spread a little bit of cock's blood over the feeding head, explained briefly the manner in which the *lutengo* fire is lit: *jitangu kwoca tete ja mwehe ja kahia kwanda kulonga mu lutengo hi kwanda manungu kusamo kwanda lumbwe kusa helu ku muwika nyi manungu*: «first, the *mwehe* (*Hymenocardia acida Tul.*) branches with which the tub was filled are lit; once the fire gets going, the charcoal *manungu* is introduced into the fire». For the smelt undertaken in Musoku, the latter was produced from the *mukoso* wood of the tree of the same name<sup>18</sup>. On top of this charcoal the *lumbwe* ore was spread, of which there exist two varieties, one rich and black, the other red, of inferior quality<sup>19</sup>.

The *lumbwe* ore was placed on the sloping surface *lupanza* (which I compared to the hopper). A part of the ore was heaped in a pile to the right of the furnace and, on the other side, there was a provision of *manungu* wood carbon. These two materials were carefully added, in successive layers one on top of the other, during the day's work necessary to produce the iron bloom. From time to time, the master smelter, who regulated precisely the necessary quantity of ore to be added to the wood carbon, spread the sacred white clay, *pemba*, over the feeding head, in order to purify and ensure the best result for his work.

At nightfall, when the master smelter considered that the bloom had already formed, and after the reserve of ore had run out, the *ke/a*, or nozzle through which the bellows blow, tirelessly activated by his assistants, was covered with clay mixed with water. The moment to open the *lutengo* door had arrived. The master smelter and an assistant removed its «seal» and turned it with two wooden stakes. The incandescent iron bloom was removed from the furnace's interior, and the smelters rolled it in the *mayila* groove. Over this bloom, the master smelter spreads leaves of *muli*<sup>20</sup> (*Dyplorhyncus angolensis Benth.*), another smelter spread the *yitumbo* medicine in order to preserve the iron's qualities (so that it does not “fall ill”): *hamga mbunge kweci kuyiva ikola*.

Then the last thing the master smelter had to do, after emptying the furnace of slag *cinganga* (which Redinha also calls *cidonje*, *placenta*), was to throw into its interior the *cikose* contents of the calabash full of medicines.

### **The master smelter, «mwata lutengo»**

In southern Lunda, José Redinha, established relationships with a generation of smelter chiefs, of whom Tchiungo-Ungo was the oldest of the descendants. The chief no longer practised the profession, which he had taught to his son and a nephew (Redinha, 1953:129). On the day of the iron smelt, the chief, Tchiungo-Ungo, was present, and the master smelter was his son, assisted by his cousin. Redinha (1953:130) observed that, in order to direct the work, the master smelter removed his usual clothes (a long cotton cloth) and appeared dressed in the skin of a small antelope.

J. Maquet (1962:102) published an old photograph showing the master smelter activating the bellows of an anthropomorphic *lutengo*, typical of this region of Angola, and wearing a leopard skin, an attribute of the chief.

As Baumann (1935:80) also pointed out, the professions related with metal are highly appreciated in the Lunda, where the smelter and the blacksmith are shown honour and respect.

In his essay on the sculpture of Black Africa, Luc de Heusch (1963:25-27) mentions the important position given to the men who work metal in Africa. He does not mention the smelter, but notes the position of the blacksmith in the non-European societies, where he was a demiurge, like among the rural Tshokwe populations.

The master smelter of Masoku was Tshokwe and was called Nzulu. Even though he was not a chief or a chief's son, he was a man of position who had the right to wear the brass *mukosa* bracelet, on his left arm (this bracelet was also called *lukano*). To direct the smelting operation, Nzulu kept his usual clothing. Only he could carry out all the different ritual acts. Once the smelt was finished, free of the preoccupation of his work and happy with his success (the iron bloom was thick and weighed over 5 kg<sup>21</sup>), Nzulu wished to transmit to me his knowledge of the traditional origins of the iron smelt: *mulimo wa lutengo wa Tupende ku nyima yalongesa Basoso, Basoso yalongesa Tulunda, tulunda yalongesa Tucokwe*: «the work of the tall furnace originated among the Pende, who taught it to the Soso<sup>22</sup>, who, in their turn, taught it to the Lunda and these transmitted it to the Tshokwe».

The beneficial spirits (*mahamba*) *Sambanza* and *Nambanza*, which the Tshokwe agree are of Lunda origin, seem to testify to the truth of what the master smelter Nzulu told us: however, the Tshokwe have by far superseded the Lunda in the art of smelting<sup>23</sup>. Nzulu also told me the name of a famous Tshokwe smelter: *Nandjangu, lunga kacokwe, walyangile kuhinda*

Sobre esta lupa, o mestre fundidor espalha folhas de *muli*<sup>20</sup> (*Dyplorhyncus angolensis Benth*), outro fundidor espalha remédio *yitumbo* para que o ferro conserve as suas qualidades (não adoeça): *hamga mbunge kweci kuyiva ikola*.

Falta ainda ao mestre fundidor, após ter esvaziado o forno das escórias *cinganga* (que Redinha denomina igualmente *cidonje*, placenta), deitar para o seu interior o conteúdo *cikose* da cabaça cheia de remédios que se encontra no cercado.

### **O mestre fundidor, «mwata lutengo»**

Na Lunda meridional, José Redinha, tinha relações com uma geração de chefes fundidores, da qual Tchiungo-Ungo era o mais velho dos descendentes. O chefe já não exercia a profissão, que tinha ensinado ao seu filho e a um sobrinho (Redinha, 1953:129). No dia da fundição do ferro, o chefe Tchiungo-Ungo estava presente, e o mestre fundidor era o seu filho, ajudado pelo seu primo. Redinha (1953:130) observou que o mestre fundidor, para dirigir o trabalho, retirou as suas vestes habituais (um longo pano em algodão) e apareceu vestido com uma pele de um pequeno antílope.

J. Maquet publicou (1962:102) uma antiga fotografia mostrando o mestre fundidor accionando os foles de um *lutengo* antropomórfico, típico desta região angolana, e vestido com uma pele de leopardo, atributo do chefe.

Como tinha referido igualmente Baumann (1935:80), as profissões relacionadas com o metal eram muito apreciadas na Lunda, onde o fundidor e o ferreiro eram cumulados de honra e respeito.

No seu ensaio sobre a escultura na África negra, Luc de Heusch (1963:25-27) refere o lugar importante que era dado aos homens que trabalhavam o metal em África. Se não fala do fundidor, analisa o lugar do ferreiro nas sociedades não europeias, onde este último é um demíurgo como entre as populações rurais Tshokwe.

O mestre fundidor de Masoku era Tshokwe e chamava-se Nzulu. Se não era chefe nem filho de chefe, era aristocrata com o direito de trazer a pulseira *mukosa*, em latão, no seu braço esquerdo (este bracelete era igualmente chamado *lukano*). Nzulu conservou, para dirigir a operação da fundição, as suas vestes habituais. Somente ele oficia todos os diferentes actos rituais. Terminada a fundição, livre das preocupações do seu trabalho e feliz com o seu êxito (a lupa de ferro era grossa e pesava mais de 5 kg<sup>21</sup>), Nzulu quis-me transmitir o seu conhecimento sobre a origem tradicional da fundição do ferro: *mulimo wa lutengo wa Tupende ku nyima yalongesa Basoso, Basoso yalongesa Tulunda, tulunda yalongesa Tucokwe*,

